

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2014

Direitos da edição portuguesa reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Publicado por acordo com FaithWords, New York, New York, EUA
Todos os direitos reservados

Design de capa original: Síndrome Studio
Fotografia © 2013 FOX. Todos os direitos reservados

Título original: *The Bible – A Story of God and All of Us*

Título: *A Bíblia – A História de Deus e de Todos Nós*

Autores: Roma Downey e Mark Burnett

Tradução: Paulo Mendes

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Arranjo de capa: Vera Braga/Marcador

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-114-8

Depósito legal: 381 849/14

1.ª edição: outubro de 2014

*Para os nossos pais,
com gratidão, pelas lições e valores que nos ensinaram
e pelo amor que partilharam.*

*Maureen O'Reilly Downey
Patrick Joseph Downey*

*Jean Scott Burnett
Archibald Wilson Burnett*

ÍNDICE

Nota dos Autores	11
Prólogo	13
PARTE UM	
<i>Um Homem Chamado Abraão</i>	19
PARTE DOIS	
<i>Êxodo</i>	63
PARTE TRÊS	
<i>Defesa da Pátria</i>	101
PARTE QUATRO	
<i>Um Homem Segundo o Coração de Deus</i>	145
PARTE CINCO	
<i>Sobrevivência</i>	181
PARTE SEIS	
<i>Esperança</i>	215
PARTE SETE	
<i>Missão</i>	247
PARTE OITO	
<i>Traição</i>	279
PARTE NOVE	
<i>Libertação</i>	305
PARTE DEZ	
<i>Novo Mundo</i>	331

NOTA DOS AUTORES

Na primavera de 2011, começámos a trabalhar numa série de dez horas para a televisão: *A Bíblia*. O programa teria início no Génesis e terminaria com o Apocalipse. Como podem imaginar, fomos de imediato confrontados com um enorme desafio criativo: como poderíamos contar esta história? Mais especificamente: como poderíamos transformar uma narrativa sagrada que abrange milhares de anos e inclui centenas de histórias individuais em apenas dez horas de televisão?

Tínhamos duas opções: ou escolhíamos algumas dezenas de resumos e contávamos muitas histórias breves; ou seleccionávamos menos personagens e histórias, optando por uma exploração emocional muito mais profunda.

Não tivemos dificuldades em eleger a segunda opção.

Assim, demos início aos guiões televisivos, redigidos por uma equipa de guionistas apoiada por vários teólogos, consultores e peritos bíblicos. A combinação das suas competências resultou em imagens espirituais e históricas vívidas. Para nossa grande alegria, quando mostrámos os guiões a outras pessoas, de modo a obter comentários do ponto de vista técnico e criativo, as mensagens inequívocas que ouvimos repetidamente foram: «Nunca tinha conseguido imaginar estas histórias bíblicas com tanta clareza»; «Vou ler a Bíblia»; e «Não há dúvida de que deviam publicar estes guiões.»

No início, estávamos renitentes, mas depois começámos a investigar. Deparámos-nos com factos como estes: metade dos norte-americanos não consegue enumerar os primeiros cinco livros da

Bíblia, 12% dos cristãos dos Estados Unidos julgam que a mulher de Noé era Joana d'Arc, e muitos pensam que Sodoma e Gomorra eram um casal. Se os nossos guiões tinham motivado as pessoas a reler a Bíblia e lhes tinham transmitido uma imagem mais nítida destas histórias, seria possível que a sua publicação em formato de livro pudesse levar ainda mais pessoas a ler a Bíblia.

Por conseguinte, dedicámo-nos à escrita do livro *A Bíblia – A História de Deus e de Todos Nós*. Não nos sentimos nada qualificados para ensinar a Bíblia, e não há dúvida de que não somos teólogos – somos contadores de histórias para a televisão. Os leitores poderão facilmente salientar o modo como «comprimimos as histórias» ou encontrar «erros teológicos». Porém, temos de ser claros neste aspeto: não pretendemos recontar a história da Bíblia – já foi contada, da forma mais rica e exhaustiva possível, pela boca de Deus e através dos Seus profetas, discípulos e apóstolos. Ao invés, estamos a dramatizar algumas destas belas histórias dos nossos guiões.

Devemos um enorme agradecimento ao nosso pequeno exército de guionistas, à nossa fantástica equipa de produção e a todos os nossos consultores e peritos bíblicos. Gostaríamos igualmente de lhe agradecer por ter este livro nas mãos. A nossa série de televisão será vista por milhões de pessoas em todo o mundo, e a nossa esperança é que o programa, a par desta obra, inspire muitos milhões mais a ler e reler a mais grandiosa de todas as histórias: a Bíblia.

Roma Downey e Mark Burnett
Califórnia, 2013

PRÓLOGO

Até este momento, nada existia. Nem universo, nem vida, nem luz, nem escuridão.

Nem ar, nem esperanças, nem receios, nem sonhos, nem vergonha.

Nem pecado.

Nada.

Só havia Deus. E Deus é Amor.

Depois, num único instante, Deus torna-se o Criador.

– Faça-se luz! – ressoa a Sua voz no grande vazio.

Um raio de fulgor infinito vence o nada, criando os céus. E com essa luz vem o vento, uma rajada pura que varre o universo recém-criado. Depois, a água, informe e aparentemente infinita, tudo inunda.

Deus separa as águas, criando os mares e o céu e a terra.

Dita que as plantas e as sementes e as árvores cubram a terra, e que existam estações do ano. E estrelas no céu. E seres vivos na terra e nas águas.

Depois, Deus cria o homem à Sua imagem. Em seguida, cria a mulher, porque o homem não deve estar só. Chamam-se Adão e Eva, e habitam um paraíso conhecido como Éden.

Tudo isto dura seis dias no tempo de Deus.

Ao sétimo dia, Deus descansa.

Porém, a obra perfeita de Deus torna-se imperfeita, corrompida por homens e mulheres que voltam as costas ao Criador. Primeiro

Eva, depois Adão, depois Caim, e assim sucessivamente. Passam-se gerações, e a devoção a Deus quase desaparece. O mal domina o coração dos homens e das mulheres. Esta situação não agrada ao Criador, que ama a terra e o seu povo, e só lhes quer bem.

Assim, Deus volta ao início. Decide destruir a humanidade para a salvar.

É por isso que flutua agora um grande navio de madeira num mar de tempestades. É noite. Os fortes ventos e a chuva torrencial ameaçam afundar a embarcação artesanal. A cena dentro do navio é de caos total. Uma lâmparina de óleo dependurada do teto oscila e ilumina uma gaiola com dois papagaios de cores vivas. Um homem de idade avançada chamado Noé tenta com dificuldade manter-se sentado num banco que está preso a uma parede. A sua mulher está sentada junto a ele. Do outro lado da cabina, aterrorizados, estão os três filhos de Noé agarrados às respetivas mulheres, enquanto o grande navio cruza a noite. Estes momentos de terror são uma constante diária para esta família alargada, mas ainda ninguém se habituou a eles.

De repente, Noé é atirado para o chão. Nunca fora marinheiro e só com relutância embarcara nesta viagem. Ouve, no porão, o mugir dos bois, o relinchar dos cavalos, o balir dos ovinos, e inúmeros outros sons de animais em aflição. Existem exatamente dois exemplares de cada tipo de animal ou ave. Por mais que Noé tente limpar os currais todos os dias, o porão da arca fede e quase não tem ventilação. Apenas há uma pequena fileira de janelas no convés superior que liberta o odor dos cereais que apodrecem e das fezes dos animais. A mistura com a forte humidade resulta num fedor quase insuportável, que alastra pelos conveses e chega aos recantos mais claustrofóbicos da arca. Estes odores não só se entranharam no ar que Noé e a família respiram, como no tecido das suas vestes, nos poros da pele e nas refeições simples que ingerem. Se a tempestade terminasse, Noé poderia abrir a escotilha e deixar entrar uma brisa fresca. Contudo, esta tempestade não parece ter fim.

Um jorro de água irrompe de um novo rombo no casco. Noé tenta levantar-se e tapar o orifício. No exterior do navio, uma

baleia-azul vem à superfície. Trata-se de um animal gigantesco, mas sem dimensões que se comparem às da arca de Noé.

Noé é um líder forte, um marido extremoso e um bom pai. Mantém a calma dos familiares apavorados contando-lhes a história da Criação. Uma história que conhece bem.

– Ao terceiro dia – refere Noé calmamente –, Deus criou a terra, com árvores e plantas...

– Vamos voltar a ver terra? – pergunta a mulher de Sem, filho de Noé.

Noé ignora-a.

– ... com árvores e plantas e frutos. E...

– Vamos? – insiste a mulher. É bonita, e o medo que tem no rosto é ainda mais perturbante devido ao seu ar inocente. – Vamos voltar a ver terra?

A fé de Noé está nos limites. Ainda assim, mantém uma expressão corajosa.

– Claro que sim.

Continua a sua narrativa, ainda que apenas para lhes dar algum conforto. – E ao quinto dia... todos os seres do mar... – Ri para si mesmo ao ouvir os guinchos de dois macacos no porão. A jaula está ao lado da gaiola dos pavões. Não são propriamente seres do mar! – E do ar – acrescenta Noé, a pensar nas rolas e falcões alojados numa proximidade desconfortável.

– Depois, ao *sexto* dia, todos os seres vivos do solo, e neles estamos incluídos! E foi-nos dado o paraíso. Impressionante, não é? O paraíso. Mas depois... – Noé detém-se, recompõe-se. A ideia do que está prestes a dizer perturba-o. A humanidade já teve tudo.

Tudo. Mas depois...

– Mas depois Adão e Eva desperdiçaram tudo! Comeram da única árvore do paraíso que lhes estava proibida. Deus só lhes tinha pedido isso. Mais nada. Não-comam-desta-árvore. Haveria algo mais fácil?

O monólogo de Noé ganha ímpeto, apesar de a tempestade crescer na sua ferocidade. Os trovões ribombam fortes, como se uma explosão tivesse furado o navio.

– Más decisões – afirma com amargura. – Más decisões. É esta a fonte de todo o mal – desobedecer a Deus. É por isso que, com um único ato de desobediência, Adão e Eva fizeram o mal entrar no mundo. É por isso que estamos neste barco. Porque o mal que Adão e Eva iniciaram se espalhou pelo mundo, e Deus está a limpar a terra para a humanidade poder recomeçar.

Noé olha em volta, para as pessoas que o rodeiam na pequena cabina. A sua história distraiu-os da tempestade e sente-se motivado para prosseguir. – Foi por isso que Deus me disse: «Constrói uma arca.» – Noé detém-se, ao recordar o humor daquele momento.

– Eu perguntei: «O que é uma arca?», e Deus respondeu: «É o mesmo que um barco.» E eu disse a Deus: «O que é um barco?»

Todos riem. Tinham vivido no deserto a vida inteira; não havia muita água, muito menos a necessidade de construir uma embarcação especial para flutuar.

Deus descrevera a arca a Noé. Seria concebida e construída de acordo com as especificações ditadas por Deus. Esse enorme navio transportaria um casal de cada espécie animal. Quando estivesse concluído, Deus inundaria o mundo com uma tempestade tremenda, alagando todos os territórios e aniquilando toda a criação divina. Apenas as pessoas e os animais a bordo da arca de Noé sobreviveriam.

Noé construiu a arca, apesar de os amigos troçarem dele e de a própria mulher o considerar um tolo. Afinal, ele estava a quilómetros dos cursos de água mais próximos, sem qualquer forma de fazer navegar a sua embarcação. Contudo, Noé continuou a construir, um prego e uma tábuas de cada vez, criando jaulas para alojar os tigres e os elefantes e os leões e os rinocerontes. O seu navio imenso elevava-se do chão do deserto e era visível a quilómetros. Noé e a sua grande arca eram uma grande piada, contada um pouco por toda a parte, e muitas pessoas deslocavam-se para ver a arca – nem que fosse apenas para abanar a cabeça e rir da loucura de Noé.

Foi então que caiu a primeira gota de chuva. Essa primeira gota não foi uma mera amostra de chuva, pois atingiu a terra com um forte salpico que prenunciou a chegada da desgraça. O céu passou

do azul mais límpido ao cinzento, e depois ao negro. «Entra na arca», ordenou Deus a Noé. Ele obedeceu e embarcou com a família.

– Não foi preciso dizer duas vezes – lembra Noé aos ouvintes atentos na pequena cabina. Todos se recordam imediatamente da corrida para subir a bordo, sem esquecer a visão constrangedora dos amigos que clamavam por um lugar na «loucura de Noé». Mas não havia.

A chuva caiu incessantemente. O nível das águas subiu à medida que os rios subterrâneos rasgaram a superfície da terra. Grandes maremotos varreram o mundo. Inundações repentinas destruíram casas, mercados, aldeias. As pessoas morreram aos milhares. As mais afortunadas foram as que não sabiam nadar e que se afogaram imediatamente. Aquelas que sabiam como se manter à superfície tiveram tempo para pensar no seu destino, e no dos entes queridos, antes de as águas as arrastarem para o fundo.

À medida que a terra desaparecia lentamente, sendo substituída exclusivamente por água até onde a vista alcançava, Noé fechou a escotilha, retirou os calços. Pouco depois, a água ergueu o seu enorme navio (que flutuava muito bem, para seu grande alívio) e lá foram a flutuar, encaminhando-se sabe Deus para onde. No entanto, havia uma certeza: Deus haveria de salvá-los da destruição, independentemente da ferocidade das tempestades e do nível dos mares.

A história de Noé teve o efeito pretendido. Todos estão agora calmos na cabina. Noé sobe ao convés sozinho e, pela primeira vez no que lhe pareceram meses, o mar está calmo. Sabe que em breve as águas recuarão.

O mundo recomeça, graças a Noé e à sua arca. Deus considera-o um homem justo e, através dele, a humanidade tem um novo início. Através dele, nascerá a fé. Através de Noé, Deus continuará a dedicar-se ao mundo. Através de Noé, Deus executará o Seu plano para a humanidade – um plano concebido antes de a terra ser criada.

PRÓLOGO

Mas antes de se dedicar ao mundo, Deus concentrar-se-á numa única nação de pessoas que O temem e O honram e O adoram. Nessa nação viverá um homem justo e devoto, tal como Noé. O seu nome será Abraão. Mas isso será mais tarde.

Noé saboreia agora o calor do sol no rosto. A sua arca balança em direção a terra e já sente que o nível das águas diminui. É então que ouve a voz de Deus, alto e bom som, e sabe que a viagem terminou.

– Sai da arca – ordena Deus.

A grande porta lateral da arca é baixada. Os animais saem para a terra firme e rapidamente se afastam em várias direções.

Deus salvou o mundo ao destruí-lo quase totalmente. Noé foi escolhido para dar seguimento aos planos de Deus para a humanidade. No entanto, a humanidade é inconstante e está destinada a cometer os mesmos erros novamente, ao virar as costas a Deus e ao Seu amor sem limites.

Porém, Deus voltará a intervir para salvar o mundo. Para sempre. Mas da próxima vez não precisará de um Noé.

Da próxima vez enviará o Seu próprio filho.

Esta é a história de Deus e de todos nós.

PARTE UM

UM HOMEM CHAMADO ABRAÃO

Na cidade de Ur de há milhares de anos, no atual território do Iraque, vive um homem chamado Abrão. É descendente direto de Noé, oito gerações passadas, através da linhagem de Sem. Abrão é um homem vigoroso de setenta e cinco anos, de ombros largos e com uma barba comprida ainda muito pouco grisalha. A mulher, Sarai, é conhecida em toda a região pela sua grande beleza, apesar de ser da mesma geração de Abrão. A única tristeza na sua vida quase perfeita está no facto de Sarai não ter ainda conseguido ter filhos. Ninguém detetaria essa mágoa no comportamento de Abrão; é de sorriso fácil e diz constantemente: «A paz esteja contigo.»

Abrão entra no grande templo de Ur, onde é saudado calorosamente por amigos. Ur é uma cidade de muitos deuses e as paredes do templo estão cobertas de símbolos elaborados: um mocho, um crescente, uma cobra, e o sorriso pacífico de uma deusa. Ao redor de Abrão, os crentes rodopiam e balançam-se ruidosamente, consumidos pelo ritmo de uma procissão que entra pelas portas principais. Uma estátua pintada de cores vivas é transportada numa liteira e poisada num altar baixo, ao qual está preso um bode vivo. A multidão entoia um cântico cada vez mais alto, à medida que o sacerdote do templo desembainha a sua faca sacrificial. O ruído é ensurdecedor – gritos, cânticos, aplausos estrondosos. O sacerdote agarra na parte de trás da cabeça do bode e puxa-a para cima, de modo a descobrir-lhe o pescoço.

Normalmente, Abrão estaria concentrado no ritual, mas hoje ouve uma voz que nunca tinha ouvido antes. Ninguém mais no templo a ouve, apenas Abrão.

– Abrão – é a voz de Deus –, deixa o teu país, o teu povo e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.

Abrão olha para o céu, boquiaberto com o choque, à medida que a voz inconfundível de Deus lhe vai fazendo promessas espetaculares em troca de uma enorme exigência.

O sacerdote já cortou a garganta do bode e afunda-lhe a faca na barriga macia para alcançar o fígado. Abrão não vê nada disso.

– Eu tornar-te-ei numa grande nação e abençoar-te-ei. Engrandecerei o teu nome e tu serás uma bênção. Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei quem te amaldiçoar. E todos os povos da terra serão abençoados através de ti.

Um homem mais fraco teria ficado intrigado. Ou talvez com medo. Mas Abrão ouve o chamamento, e por essa razão Deus o escolheu para a tarefa que tem em mente, tal como outrora elegera um homem justo como Noé. Abrão permanece no templo em êxtase, onde o sacerdote mostra agora o fígado do bode, e não tem a mínima dúvida.

– Sim – responde Abrão serenamente a Deus, numa voz que transborda de paixão. – Sim.

Uma coisa é Deus ordenar a um homem que abandone a sua terra, os amigos e até a linhagem que fluiu na sua família durante gerações. Mas dar essa notícia surpreendente à mulher é outra muito diferente. Abrão abandona o templo e corre para casa, ansioso por dizer a Sarai. Ao entrar no pátio, vê o seu sobrinho querido, Lot.

– Abrão – diz Lot em tom de saudação.

Abrão dá-lhe uma palmada afetuosa no ombro e dirige-se apressado para a entrada da casa.

A mulher de Lot está num canto do pátio, a limpar, quando Abrão passa rapidamente, e troca olhares intrigados com o marido: ambos reconhecem algo de diferente em Abrão. Muito diferente. Encolhem os ombros.

No interior, Abrão chama:

– Sarai! – E depois grita: – Sarai!

Encontra a mulher nas traseiras da casa, ajoelhada em frente a uma figurinha de barro.

A voz de Abrão é terna e reconfortante.

– Bonecas de fertilidade? Bonecas de fertilidade? Temos mesmo necessidade de bonecas de fertilidade? De que nos valeram? Tivemos filhos por causa delas?

Sarai chora, pensando ouvir desilusão na voz do marido.

– Abrão, desiludi-te. A culpa de não termos sido abençoados é minha.

Abrão lembra-se das boas notícias e abraça a mulher.

– Sarai, nós *fomos* abençoados. Hoje, Deus falou comigo.

– Que Deus?

– *Deus*.

Sarai retrai-se, confusa. Vive num mundo de inúmeros deuses e ídolos, cada um destinado a responder a uma necessidade diferente. Ter fé num único deus é algo extremamente arriscado.

– É verdade – assegura Abrão. – Ele escolheu-me. Escolheu-*nos*.

– Para quê? Não percebo.

– Quer que nos vamos embora daqui.

– Embora? Mas a nossa vida está toda aqui.

– Sim, Sarai. Ir embora. Vamos partir desta cidade para uma terra nova. E vamos ter filhos nesse novo lugar. Não tenho dúvidas. Deus prometeu-me.

Sarai quer crer em Abrão. Deseja desesperadamente um filho e faria tudo para oferecer esse filho ao marido. No entanto, a ideia de abandonar a sua casa e rumar ao desconhecido é quase insuportável. Olha fixamente para Abrão, dividida entre o amor por ele e o medo do que possa acontecer se abandonarem a segurança de Ur.

Abrão compreende. É um homem carinhoso que ama a mulher mais do que a própria vida. Porém, sabe também que têm de cumprir a vontade de Deus.

– Crê em mim, Sarai. Crê em mim. Ele falou comigo. Sarai, Ele prometeu. Pensa nisso: Deus fez uma promessa. Uma aliança.

E Deus cumpre sempre as Suas promessas. Temos de ter fé de que Ele nos levará a uma terra maravilhosa.

Sarai sempre confiou na excecionalidade do marido. Não é pessoa para fazer afirmações delirantes. Apesar de ele lhe estar a pedir para fazer algo extraordinário, algo inimaginável, ela sabe que tem de confiar.

Sarai aperta a mão de Abrão e sorri.

– Leva-nos até lá.

Abrão parte com Sarai, com o sobrinho Lot e a mulher, e com um pequeno grupo de amigos e criados que são a sua família alargada. Entre eles está uma jovem criada de Sarai, uma egípcia chamada Agar. Dirigem-se a noroeste, seguindo as rotas ancestrais do que agora chamamos Crescente Fértil, na confiança de que Deus os guiará à terra que prometeu a Abrão. Em viagem, passam por uma cidade conhecida como Harran, e por fim chegam a uma terra fértil de água e palmeiras, um oásis verde no meio de um deserto inóspito. Contudo, essa terra não é suficiente para todos os acompanhantes de Abrão e os seus animais. Para piorar a situação, a companheira de Lot alimenta a discórdia. É uma mulher ciumenta e mesquinha, com ressentimentos para com a autoridade de Abrão por este a ter obrigado a abandonar a sua casa. Rapidamente se cria um confronto, com Abrão e os seus seguidores de um lado e os seguidores de Lot, o seu sobrinho querido, do outro.

A situação acaba por explodir quando dois pastores se envolvem num confronto físico. Cada um defende que o outro está a invadir o seu terreno de pasto. Rebolam no chão, aos murros e aos empurrões. Lot é o primeiro a vê-los. Corre para o local da luta, seguido pela mulher.

– Lemuel! – grita Lot ao seu pastor. – Para! Já!

Com relutância, Lemuel solta Amasa, um dos pastores de Abrão. Amasa dá-lhe um último murro sub-repticiamente e afasta-se antes que Lemuel possa retaliar. Os dois homens estão ofegantes, com as vestes cheias de pó e os rostos arranhados e ensanguentados.

Abrão ouviu a confusão e chega ao local.

- O que se passa aqui? – pergunta.
- O teu pastor está a invadir o nosso terreno de pasto – insinua a mulher de Lot.
- Precisamos de pasto para alimentar as nossas famílias – insiste Amasa.
- Também nós – retorque Lemuel, com os punhos cerrados, pronto para voltar à luta.
- Este terreno pertence-nos a todos – diz Abrão aos homens, calmamente. – Deus ofereceu-o para que o partilhássemos.
- A mulher de Lot está furiosa. Olha fixamente para Abrão.
- Então Ele devia ter-nos oferecido mais – responde ela. A estupefação silencia o grupo. A mulher de Lot não está só a fazer pouco de Abrão, está também a troçar de Deus. Devia pedir perdão, ou pelo menos pedir desculpa. Mas ela ainda não terminou.
- Isto não pode continuar – diz a Abrão, antes de lançar um olhar ríspido ao marido. – Diz-lhe o que decidimos.
- Lot sente-se desconfortável. Gosta de Abrão como de um pai e não lhe agrada desiludi-lo. Engole em seco antes de dizer aquilo a que é forçado:
- Abrão – murmura hesitante –, somos demasiados. E não há terra que chegue.
- Mas Deus providenciará – responde Abrão, tentando ao máximo parecer otimista. – Tenham fé!
- Num Deus que não vemos? – A mulher de Lot ri.
- Abrão finge que não ouviu aquelas palavras. Olha Lot nos olhos. O sobrinho evita o olhar de Abrão.
- Chegou a altura de nos separarmos – declara Lot.
- Abrão está horrorizado.
- Não. Temos de nos manter juntos.
- Lot está prestes a falar, mas a mulher interrompe:
- Ficar e morrer de fome, velhote? Ficar e ver os nossos pastores a matarem-se uns aos outros por um punhado de erva?
- Desta vez, Abrão não ignora a mulher de Lot, mas limita-se a lançar-lhe um olhar frio. Por mais carinhoso que seja Abrão, apesar da sua reputação amável, é também um homem duro. A mulher de

Lot perde a coragem debaixo daquele olhar e a sua língua viperina silencia-se de imediato.

– Tio – afirma Lot com relutância –, vamos embora. Não temos outra opção.

– Mas para onde vão? – suplica Abrão.

– Para os pastos mais verdes, perto de Sodoma.

– Lot, Sodoma é uma cidade cruel e pecaminosa. Aquelas pessoas viraram as costas a Deus.

– Pelo menos não passam fome – rosna a mulher de Lot.

Abrão está sozinho no alto de um monte, de onde avista quilómetros ao seu redor. Está a construir um altar em honra de Deus. Pedra sobre pedra, vai construindo, absorto na meditação silenciosa do trabalho. Vê as tendas do seu grupo no vale quase vazio lá em baixo, os rebanhos que recolhem para a noite, as grandes florestas. Avista ainda Lot e a sua tribo à distância, a serpentear para oriente, no sentido de Sodoma. É um momento triste. Toda esta paisagem grandiosa é banhada pela luz alaranjada do entardecer. Abrão suspira. Ama esta Terra Prometida que Deus lhe ofereceu, e congratula-se com as suas inúmeras belezas. Deus voltou a falar com ele depois de Lot partir. Abrão ouviu-o como um criado obediente.

– Ergue os olhos de onde estás e olha para norte e sul, este e oeste. Toda a terra que vês Eu ta darei e aos teus descendentes, para sempre.

Abrão obedece a Deus, e a construção do altar para um sacrifício é uma forma de agradecimento. No entanto, ainda subsistem muitos conflitos no seu coração. Está muito perturbado com a partida de Lot e com o facto de Sarai ter voltado a utilizar os ídolos da fertilidade. As dúvidas a respeito da sua liderança atormentam-no a cada dia.

Para Abrão, ser escolhido por Deus tinha parecido uma bênção. Agora, porém, sabe que implica igualmente um conflito. Abrão fixa a última pedra na base do altar e depois ajoelha-se para rezar.

Passam semanas, e Abrão continua a ter saudades de Lot. Um dia, enquanto reza no altar, olha novamente para o vale e fica

surpreendido por ver uma figura solitária que se encaminha na sua direção. Parece ser Lemuel, o pastor de Lot. Ainda enquanto se encontra distante, Abrão percebe que vem a coxear e agarrado a um dos flancos.

Abrão corre montanha abaixo e dirige-se rapidamente à figura que se aproxima. Lemuel coxeia na sua direção, no limite da exaustão. Tem as roupas esfarrapadas. A sua pele está coberta de sangue seco. O rosto está pisado e sujo. Quando vê Abrão, detém-se e oscila como se estivesse prestes a desfalecer.

– O que aconteceu? – pergunta Abrão, estupefacto.

– Não tivemos hipótese. Eles eram muitos. – Lemuel geme, enquanto se baixa até ao chão. – Fomos apanhados no meio de um combate entre chefes tribais locais. Fiquei sem o meu rebanho. Sem nada.

Abrão tira o cantil de pele de cabra que trazia pendurado ao ombro e dá-o ao pastor, que bebe a água sofregamente. Espera até Lemuel acabar antes de lhe fazer a pergunta seguinte. Encara fixamente o pastor, sem nunca afastar o olhar.

Lemuel sabe o que Abrão está a pensar e, enquanto lhe devolve o cantil, diz-lhe com a voz abafada pelo desgosto:

– Lot está vivo, mas foi feito prisioneiro.

Abrão está horrorizado.

– Ele ajudou-me a fugir – continua Lemuel –, para eu poder vir ter contigo e suplicar que nos ajudes.

Agar, emanando juventude e vitalidade, chega com uma taça de água. Mergulha um pano na água e espreme-o, depois abre a túnica de Lemuel e lava-lhe o flanco. Lemuel tem um esgar de dor, mas não deixa de encarar Abrão.

– És a nossa única esperança – declara o pastor.

Nessa noite, Abrão reúne-se na sua tenda com Sarai e as famílias que vieram com ele à procura da sua nova pátria. O assunto é a guerra.

– Vamos combater. Temos muitos homens treinados connosco – diz Abrão à assembleia.

– Mas, Abrão, querido – interrompe Sarai, ansiosa –, não são propriamente soldados.

– Não interessa. Foi por minha causa que Lot veio conosco. Pedi-lhe para confiar em Deus.

– Mas Lot e a mulher tiveram oportunidade de escolher os terrenos. Foram eles que decidiram partir!

Abrão já está decidido.

– Fazem parte da família – declarou a Sarai –, temos de os ajudar.

A mulher de Amasa, o pastor da luta, abana a cabeça. Prepara-se para falar, para dizer a Abrão que libertar Lot seria uma loucura. No entanto, antes de poder abrir a boca, Amasa poisa-lhe um dedo nos lábios. Depois levanta-se e caminha até ao lado de Abrão. Os outros homens fazem o mesmo.

– Prometo que voltaremos – diz Abrão a Sarai. Olha em volta, para os homens corajosos que se preparam apressados para o combate e se despedem das famílias, sem saberem se voltarão. Sarai, nervosa, dá um abraço apertado a Abrão pela cintura. Tem os olhos marejados de lágrimas.

– Amo-te – declara.

Abrão afasta-se sem dizer palavra. O seu amor por Sarai está subentendido. É um homem íntegro e um bom marido. Abrão pega na espada, a lâmina reluz com o brilho da fogueira. Ergue-a para a examinar, à procura de sinais de fraqueza. Tem os punhos fortes e os antebraços musculados. Não tendo encontrado nenhuma imperfeição, embainha-a.

– Deus tomará conta de nós – garante à mulher.

São palavras fortes, e a confiança nos olhos de Abrão faz inchar de orgulho o coração de Sarai, apesar do medo. Ele passa-lhe suavemente a mão pelo rosto e puxa-a para si. Ela beija-o desesperadamente, sabendo que este pode ser o último beijo.

Abrão olha-a intensamente nos olhos, depois afasta-se e sai para a noite. Não há tempo a perder.

Abrão e o seu exército improvisado avançam silenciosos, cuidadosamente, para o acampamento do inimigo. Se fosse tempo de

guerra, haveria sentinelas e as fogueiras há muito estariam apagadas. Contudo, estes soldados acabaram de vencer os inimigos, obrigando-os a fugir para as montanhas e aos trambolhões para os poços de betume do vale de Sidim. Era o momento de festejar. Estavam sentados à volta das fogueiras, a rir e a beber. Os prisioneiros que decidiram não matar estão sentados em círculo no chão, com as mãos amarradas atrás das costas. A mulher de Lot está a ser espiçada pelo guarda com uma lança. Ela emite um grito de dor, que apenas leva a que os soldados, deliciados, sorrissem maliciosamente. Há muito que estão longe de casa e do conforto de uma mulher. Um (ou talvez muitos) destes homens abusará dela esta noite. Lot está amarrado, amordaçado com força, e é forçado a ver estes homens a olharem lascivamente e a humilhar a sua querida mulher. As suas tentativas de gritar em protesto, infrutíferas, servem apenas para divertir os guardas.

Abrão observa tudo isto dos limites do acampamento. O tamanho do seu clã aumentou desde que seguiu as ordens de Deus e partiu em busca da Terra Prometida. O seu exército é constituído por pastores, uns meros 318. Não são propriamente soldados, mas adquiriram experiência no manuseamento de facas e machados durante os anos que passaram a manter os lobos afastados dos seus rebanhos.

Os inimigos, por outro lado, ascendem aos milhares. São homens duros, com cicatrizes e músculos desenvolvidos em longos dias de marcha e inúmeras horas de combate corpo a corpo. Estes inimigos são disciplinados e treinados, acabaram de vencer os reis e os exércitos de Sodoma e Gomorra. Têm a barriga cheia e tiveram tempo para descansar. Um ataque ao seu acampamento seria um suicídio.

Porém, Abrão sabe que os seus homens têm dois aspetos a seu favor: o elemento de surpresa e a sua grande fé em Deus.

Enquanto os seus homens se espalham pelo perímetro do acampamento na calada da noite, Abrão reza. Pede a bênção de Deus para a batalha, e forças e confiança para liderar os seus soldados corajosos. Enquanto reza, sente o cheiro do cordeiro a assar

nas fogueiras, da madeira, o odor acre do suor dos homens e o aroma pesado, empoeirado, da noite. Os cheiros tornam a batalha mais iminente. Uma voz suave na sua mente lembra-lhe, baixinho, que ainda é tempo de dar meia-volta e fugir. Lot e a mulher fizeram uma má escolha ao abandonarem Abrão. Ninguém chamaria covarde a Abrão por se ir embora, uma vez que as probabilidades de insucesso eram evidentes. Abrão silencia essa voz e termina a sua oração. Desembainha a espada, ergue-a no ar e desfere um movimento para a frente – o sinal para os seus homens lançarem o ataque impetuoso. Uma onda silenciosa de soldados pastores inunda o acampamento inimigo.

– Confiai em Deus! – brame Abrão. O seu exército ataca. Abrão e os seus homens são iluminados nitidamente pelas fogueiras. Abrão é o primeiro a fazer sangue, ao mergulhar a espada bem fundo no estômago de um soldado inimigo. O soldado grita em agonia e de imediato todos os olhares do acampamento se viram na sua direção.

– Aaaaaarg! – grita Abrão, enquanto retira a espada do cadáver e a aponta prontamente na direção de outro inimigo.

Outros acompanham-no no grito de guerra. Uma espada fere o ar perto do rosto de Abrão, falhando-o por centímetros. Ele recua, e depois espeta a espada no flanco do inimigo. É o caos no acampamento; os soldados correm para as armas. Na confusão, os inimigos não conseguem chegar às tendas para recuperarem as espadas e as facas. Abrão e os seus homens ceifam-nos como se fossem trigo, dilacerando-os e esmurrando-os. Abrão estava certo a respeito do ataque-surpresa.

Abrão passa por cima de um monte de corpos e encaminha-se para o lugar onde Lot está preso. – Deus está connosco! – sussurra Abrão ao ouvido do sobrinho, enquanto corta as cordas que prendem as mãos de Lot.

Neste momento, a batalha transforma-se numa escaramuça. Os soldados inimigos fogem noite adentro. Muitos são perseguidos e assassinados pelos homens de Abrão, que sabem muito bem que, se estes homens não forem mortos, voltarão para se vingar.

A mulher de Lot aproxima-se do marido. Puxa-o para perto de si e sussurra-lhe, evitando o olhar de Abrão.

– Lot! – grita Abrão em êxtase. – Estás a ver? Tão poucos contra tantos! Este triunfo é de Deus Todo-Poderoso.

Porém, neste momento, Lot não consegue enfrentar o olhar de Abrão.

– O que foi? – pergunta Abrão. Algo lhe diz que vai ter más notícias. Mas que más notícias lhe poderiam dar agora, depois desta grande vitória?

Lot faz uma pausa, depois baixa os olhos para a mulher, que assente com a cabeça.

– Abrão... tio... – gagueja Lot. Estas são as palavras mais difíceis que jamais teve de proferir: – Nós vamos seguir viagem.

Abrão olha para um e para outro, confuso.

– Para onde? – pergunta.

– Sodoma.

– Sodoma?! Deves estar a brincar.

– Vamos voltar para lá e viver na cidade. Estamos melhor lá.

O rosto de Abrão torna-se sombrio. Lot não viu aquela expressão muitas vezes, e sabe que deve receá-la. Abrão faz um gesto abrangente com o braço, mostrando os corpos dos caídos. Sabe o nome de todos eles. Conhece as mulheres e os filhos, e sabe que quando regressar terá de lhes dar pessoalmente a notícia da sua morte. Todos tiveram um bom desempenho na batalha. Foi um bom combate. Um combate justo. A decisão de Lot faz com que tudo tenha sido em vão. Abrão sente uma tristeza profunda no coração ao dizer:

– Lot, ouve bem o que te digo: estes homens morreram para te salvar.

– Eu sei! E não tenho como compensar a vida que perderam. Mas eu também perdi homens – argumenta Lot.

– Amanhã de manhã já estarias morto – diz-lhe Abrão. – A tua mulher ia ser o troféu de um soldado sujo, e de muitos dos seus amigos. Não me fales dos homens que perdeste.

– Tio, olha, o teu Deus não cumpriu as Suas promessas. Não podemos comer fé. Não podemos beber fé. A fé não nos agasalha.

– Mas vai cumprir, Lot. E Deus *está* a cumprir as Suas promessas, Lot. Não vês? O meu pequeno exército de pastores sem treino derrotou uma força poderosa. De que outra forma teria isto sido possível? Suplico-te: vem connosco!

– Porquê? – A mulher de Lot aproxima-se, petulante. – O que foi que o teu Deus prometeu?

– Uma nação! Um futuro! Uma família! Um filho! – responde Abrão. Está convicto de cada palavra.

– A tua mulher nunca há de ter filhos – escarnece ela.

As palavras ferem-no, e Abrão, devastado, mantém-se calado.

A mulher de Lot continua:

– E a comida? A água? Os abrigos?

Abrão ignora-a. Está exausto. A batalha tinha-o perturbado. E agora isto? Poisou a mão no ombro de Lot.

– Sobrinho. Desta vez. Temos de ficar juntos.

Lot não levanta o olhar, mas está decidido. Põe a mão em cima da de Abrão e, lentamente, retira-a do ombro.

– Não, tio. Temos de ir.

Enquanto carregam os corpos dos feridos para carroças, de modo a transportá-los para casa, a mulher de Lot tenta argumentar com Abrão.

– Vem *connosco* – propõe.

Abrão olha-a fixamente durante o que parece uma eternidade. Depois afasta-se, repugnado, e caminha entre os seus homens.

– Vamos embora – ordena-lhes por cima do ombro. Abrão e os seus soldados partem.

O ambiente está pesado. Lot e a mulher ficam silenciosos no meio dos inimigos chacinados, cientes de que Abrão nunca mais confiará em Lot.

Abrão não se volta para trás. Ao invés, dedica os seus pensamentos às viúvas que terá de consolar e aos amigos mortos que terá de enterrar. O mais difícil será enfrentar Sarai e tentar explicar-lhe como foi que deixou Lot e a mulher prosseguirem para Sodoma depois do custo elevadíssimo que os seus homens pagaram para os

libertar. Ela sempre confiou na sabedoria dele. Desta vez, porém, Abrão sabe que a desiludiu.

Deus prometeu a Abrão uma terra onde correriam leite e mel, e uma descendência tão numerosa como as estrelas. A fé de Abrão nunca vacila. Faz imediatamente o que Deus lhe indica. Crê piamente em Deus e nas Suas promessas. Contudo, ficou frustrado com os prazos de Deus. Quando irá Sarai dar-lhe um filho? Ou uma filha que seja? A barba de Abrão está agora quase totalmente grisalha. Apesar de envelhecida, a beleza de Sarai ainda não tem igual – é uma autêntica princesa. A aventura partilhada da sua vida nómada é intensificada pelas suas muitas tentativas de engravidar, mas a ideia de que Abrão será de facto pai de muitas nações parece inatingível.

Abrão está sozinho no frio da noite do deserto, a contemplar o céu. Uma fogueira vai-se extinguindo até às últimas brasas. O vento agita a tenda atrás dele, onde Sarai treme no sono. Abrão pensa nos homens que tombaram em combate para salvar Lot, e na futilidade dessa perda.

– Abrão – sussurra Sarai, a tremer enquanto sai da tenda. A luz da fogueira ilumina a sua beleza. Está enrolada numa manta de tecido grosso que a protege dos ventos do deserto. No entanto, mesmo coberta pela manta, a sua beleza deixa Abrão sem fôlego. – Vem para dentro – suplica a mulher carinhosamente, segurando a abertura da tenda.

Abrão treme. Vê o interior da tenda, e a sua cama, tão quente e segura. Porém, desvia o olhar da mulher para o céu e pondera na magnitude do universo e nos seus milhões de estrelas, como se, pela primeira vez, apreendesse a vastidão da criação de Deus.

É então que cai.

– Abrão! – grita Sarai, a correr na sua direção. Quando o olha nos olhos, vê apenas a sua convicção profunda na promessa de Deus.

– Todas as estrelas. Conta-as! Conta-as! – grita Abrão.

Sarai apoia-lhe a cabeça, receosa de que o marido querido esteja a perder o juízo. Afaga-lhe a barba para o acalmar.

– O nosso Criador, que fez as estrelas, irá dar-nos muitos descendentes! – declara Abrão cheio de fé, para relembra (e recordar a Sarai) as promessas de Deus. O fogo nos olhos de Abrão torna-se mais intenso e a sua revelação continua: – Para povoar a nossa nação! Para nós! E para os nossos filhos!

Agora é a vez de Sarai ser pessimista.

– Há quanto tempo já rezamos por filhos?

Ele não responde.

Ela olha-o nos olhos e diz três palavras muito duras:

– Eu. Sou. Estéril.

– Mas Ele prometeu! Tu vais ter um filho! Vais!

Ela abana a cabeça. – Não posso. Não há hipótese de eu engravidar.

Entreolham-se por um momento. O silêncio é ensurdecedor. Por fim, Sarai fala, lentamente, com suavidade, decidida:

– É demasiado tarde para mim, mas tu és homem. Para ti ainda é tempo. – Sarai morde o lábio. Puxa o marido para mais perto.

– Os planos de Deus são muitos, e as Suas promessas serão sempre cumpridas, mas como Ele quiser. Quem somos nós para dizer como os planos de Deus se cumprirão?

– O que estás a dizer?

– Estou a dizer que Deus prometeu que tu vais ser pai. Não prometeu que *eu* vou ser a mãe dos teus filhos.

Com um gesto de cabeça, Sarai indica a tenda de Agar, a bela serva egípcia. A luz de uma vela reluz no interior da tenda.

– Vai ter com ela, Abrão – indica Sarai –, tens a minha permissão.

Abrão olha para a mulher, incrédulo.

– Não. – responde com firmeza – Não. Não. Não.

Sarai assente, com um ar resignado.

– Sim – diz, beijando-o suavemente. – Tens de ir.

Abrão sente-se dividido. Sempre foi fiel a Sarai, na convicção de que a vontade de Deus era que ele não dormisse com outra mulher. Já tinha reparado na beleza de Agar, mas nunca tinha imaginado que dormiria com ela.